

CONSERVAÇÃO DA SOCIOBIODIVERSIDADE DO CERRADO MEDIADA PELA SABEDORIA POPULAR NO ASSENTAMENTO SANTA RITA, JATAÍ (GO)

Conservation of Cerrado sociobiodiversity mediated by popular knowledge in the Santa Rita Settlement, Jataí (GO)

Jordana Rezende Souza Lima
Universidade Federal de Jataí (UFJ)
jojousouzalima@gmail.com

Mainara da Costa Benincá
Universidade Federal de Jataí (UFJ)
mainaracosta@gmail.com

Hildeu Ferreira da Assunção
Universidade Federal de Jataí (UFJ)
hildeu@yahoo.com.br

Resumo

A importância do ambiente para a população é contemplada a partir da estreita dependência que se mantém dos recursos que o ambiente oferece para a sua própria sobrevivência. Conhecer os elementos da flora e/ou fauna e saber como esses podem ser úteis em suas vidas, reforça a ligação das populações com os elementos nativos regionais. Quando os biomas são fragmentados ou totalmente eliminados, perde-se, dentre tantas outras funções ecossistêmicas, a riqueza representada pelos recursos ambientais, dos quais se poderia fazer o uso sustentável e agroecológico. Recorrendo à pesquisa qualitativa, objetivou-se averiguar o uso potencial e a sabedoria popular acerca das espécies nativas do Cerrado, no Assentamento Santa Rita, no município de Jataí (GO), e diante desses dados refletir sobre práticas que possam ser incorporadas no cotidiano dessa população para contribuir com o uso sustentável e a conservação da sociobiodiversidade local, bem como com a permanência do camponês na terra. Os resultados demonstram que 83 plantas diferentes são utilizadas pelos sujeitos assentados. Os participantes utilizam as plantas para fins medicinais em sua maioria, representando 80%, seguido de 11% para uso alimentício e 9% para uso madeireiro. Diante desses resultados é nítida a urgência em resgatar a sabedoria das populações que habitam as áreas de Cerrado, pois elas representam um importante caminho para perpetuar os saberes e fazeres tradicionais, e contribui significativamente para a sobrevivência e a permanência dos camponeses no campo.

Palavras-chave: Cerrado. Homem-ambiente. Agroecologia. Camponeses

Abstract

The importance of the environment to the population is contemplated from the close dependence of the resources that the environment offers for its own survival. Knowing the elements of the flora and /or fauna, knowing how these can be useful in their lives, reinforces the connection of the population with the native regional elements. When biomes are fragmented or totally eliminated

the wealth represented by environmental resources from, which sustainable and agro-ecological use can be made is lost among many other ecosystem functions. Using the qualitative research, the purpose was to investigate the potential use and popular knowledge about the native species of the Cerrado in the Santa Rita Settlement, in the county of Jataí (GO), considering these data to reflect on practices that can be incorporated in the population to contribute to the sustainable use and conservation of local socio-biodiversity as well as to the permanence of the peasant on the land. The results demonstrate that 83 different plants are used by the settled subjects. Participants use the plants for medicinal purposes in their majority, representing 80%, followed by 11% for food use and 9% for wood use. Against of these results, there is an urgent need to rescue the knowledge of the populations that inhabit the Cerrado areas, since they represent an important way to perpetuate traditional knowledge and practices, and contributes significantly to the survival and permanence of peasant in the field.

Keywords: Cerrado. Man-environment. Agroecology. Peasant.

Introdução

A importância do ambiente para a população é contemplada a partir da estreita dependência que se mantém dos recursos que o mesmooferce para a sua própria sobrevivência. Conhecer os elementos da flora e/ou fauna e saber como esses podem ser úteis em suas vidas, reforça a ligação das populações com os elementos nativos regionais.

Aquelas populações que não possuem essa ligação direta e dependente com a vegetação nativa e seus recursos, possuem outros valores e visões, entendendo, muitas vezes, que a vegetação é supridora de madeira, menosprezando e se esquecendo dos recursos vegetais não madeireiros.

Quando os biomas são fragmentados ou totalmente eliminados, perde-se, dentre tantas outras funções ecossistêmicas, a riqueza representada pelos recursos ambientais, dos quais se poderia fazer o uso sustentável. Essa riqueza está cada vez mais ameaçada por um sistema dominante e opressor, para o qual o principal objetivo da agricultura é produzir capital e não alimentos. Para tanto as fronteiras agrícolas são expandidas diariamente, suprimindo as vegetações nativas, principalmente nas áreas de Cerrado, as quais abrangem 23% do território nacional aproximadamente (IBGE, 2016).

O desmatamento do Cerrado traz graves consequências para as comunidades locais, por exemplo, a falta de água, perda da biodiversidade, erosões, enchentes, entre outros. Uma das consequências comuns é a compactação do solo, o que dificulta a infiltração da água no mesmo, impossibilitando o reabastecimento dos lençóis freáticos. Esses problemas ambientais levam conseqüentemente à diminuição da vazão das nascentes, córregos e rios da região; o

impacto das chuvas no solo aumenta consideravelmente, erodindo os solos e assoreando os rios (KLINK; MACHADO, 2005).

Shiva (2003) afirma que a destruição da vegetação nativa pelo sistema de saber dominante, acontece porque esse não tem condições de perceber os valores atribuídos à biodiversidade pela comunidade local, e ainda de acordo com esse sistema ela não tem nenhuma utilidade. Quando se fala de diversidade, inclui-se a diversidade cultural e biológica. A referida autora ainda relata que relacionado com a destruição da diversidade como algo sem valor, temos a inevitabilidade da monocultura como único sistema produtivo e de rendimento elevado.

A partir da destruição do Cerrado, a população que depende dele para sobreviver, torna-se um povo excluído e marginalizado, e incapacitados, são obrigados a assistirem a fonte de seu sustento ser exaurida. Almeida (2005) exemplifica como o Cerrado sustenta esses povos, quando afirma que o conhecimento popular sobre certas plantas cerradeiras, permite a extração de folhas de palmeiras para o fabrico de peneiras e cestos e, de madeira para peças de artesanato, e os frutos servem para doces e geleias, entre outros. O modo de vida, essencialmente rurícola, determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais, pelas percepções da natureza e da condição de morador do sertão, bem como pela fragilidade econômica dos pequenos agricultores passa a ser ameaçado (ALMEIDA, 2005).

Essas condições ambientais não adequadas impactam diretamente o pequeno agricultor, que precisa produzir mesmo com essas condições, entretanto não dispendo de assistência técnica e recursos financeiros necessários para a recuperação das áreas degradadas ou em processo de degradação, não atinge a produtividade necessária para assegurar sua permanência na terra. Logo o cenário descrito leva ao que se chama de erosão da sociobiodiversidade.

Para Almeida (2005) a precarização das condições sociais impostas por aqueles que detêm o poder e o capital é evidente, ameaçando constantemente as áreas do Cerrado e fragilizando os elos territoriais de identidade das chamadas populações tradicionais do Cerrado. São populações cujos territórios esgarçam-se lentamente com a omissão e a negligência por parte de representantes políticos e com o interesse do capital, os quais estão recontextualizando o Cerrado.

Aliando a sabedoria das populações locais com as pesquisas científicas voltadas para o manejo ecológico dos ecossistemas tropicais pode-se encontrar soluções para o uso sustentável desses ecossistemas (LIMA, 2013).

A Agroecologia oferece fundamentos conceituais nos quais os sistemas de produção de base ecológica devem ser desenhados, manejados e estudados de forma a integrar as diferentes áreas do conhecimento científico e saberes tradicionais, considerando as dimensões social, econômica, ecológica, política, cultural e ética. Para isto, os agroecossistemas devem ser reconfigurados a partir da sinergia dos saberes populares e do conhecimento científico, e de forma a minimizar a dependência de insumos externos, principalmente, de fontes não renováveis, para garantir sua resiliência e autonomia, atributos importantes de sustentabilidade (CBA, 2017).

Altieri (2006) afirma que os princípios da agroecologia buscam poupar insumos e reduzir custos e riscos, se adequar em zonas mais frágeis, ser congruentes com os sistemas agrícolas, cultura e modos de vida dos agricultores, assim como melhorar a segurança alimentar e nutricional, a saúde e o ambiente.

Dessa forma torna-se possível proporcionar uma maior autonomia para o agricultor, pois, por meio de manejos agroecológicos, ele teria acesso a uma maior quantidade de recursos que fortalecem sua permanência na terra, tais como recursos madeireiros e alimentícios.

O objetivo desse trabalho foi averiguar o uso potencial e a sabedoria popular sobre as espécies nativas do Cerrado, dos sujeitos assentados no Assentamento Santa Rita, localizado no município de Jataí (GO), e diante desses dados refletir sobre práticas que possam ser incorporadas no cotidiano dessa comunidade para contribuir com o uso sustentável e a conservação da sociobiodiversidade local, bem como com a permanência do camponês na terra.

Sob a perspectiva da pesquisa qualitativa, e utilizando entrevistas e observação direta, procedeu-se a coleta de dados. Os resultados demonstraram um alto potencial de uso das plantas nativas do Cerrado, e ainda revelaram que a maior parte dos assentados mantém uma forte interação homem-ambiente. Diante dessa realidade, as reflexões aqui propostas vão de encontro com a necessidade de buscar alternativas de manejo que possam melhorar a produção de alimentos, bem como contribuir com a conservação dos recursos naturais, garantindo a segurança alimentar dessas famílias.

Populações tradicionais e sua interação com o ambiente

Os sistemas locais de saber estão baseados, de acordo com Shiva (2003), na capacidade que as florestas têm de manter a vida, pois olhar para a floresta de modo fragmentado limita a capacidade de compreender todo o papel que ela desempenha, deixando de valorizar sua integridade e diversidade.

As florestas oferecem alimento e plantas medicinais para as populações tradicionais e funcionam como proteção dos solos e reguladora dos ciclos da água, além de fornecerem os suprimentos de forragem e fertilizantes, fatores esses, essenciais à agricultura, como afirma Shiva (2003). Ainda de acordo com essa autora, esse conhecimento é transmitido de geração a geração por meio da participação nos processos de renovação da floresta e de obtenção do sustento em seus ecossistemas.

A sabedoria sobre o ambiente que as comunidades tradicionais detêm, segundo Hanazaki (2006), podem interferir nas práticas cotidianas, e o saber local acerca da vegetação, inclui também muitas plantas utilizadas com finalidades medicinais, alimentícias, para manufaturas, ornamentais, ou como alimento para fauna.

Discussões que envolvem o meio ambiente, alcançam todas as esferas acadêmicas, políticas e civis, fazendo parte do cotidiano da sociedade como um todo, em nível local, regional ou mundial. Segundo Carvalho (2010) muitos movimentos sociais se aproximam da causa ambiental, pois defendem uma agricultura ecológica. A combinação entre agricultura de pequena escala e conservação de ecossistemas é defendida por esse autor, o qual trabalha com as comunidades de assentamentos de reforma agrária brasileira.

O Assentamento Agroextrativista Americana em Grão Mogol (MG), com 18,8 mil hectares, sendo 23% de Reserva Legal (RL) e cerca de 40% destinados ao manejo agroextrativista. Lá vivem 72 famílias, porém apenas 11 praticam extrativismo e práticas agroecológicas, e retiram da vegetação nativa para autoconsumo, a madeira, frutas, e plantas medicinais. Enfim, a comunidade agrícola representada pelos assentados é fundamental para essa conservação, visto que a agroecologia é praticada pela maioria dos agricultores familiares em seus pequenos lotes de terra (CARVALHO, 2010).

A produtividade, o rendimento e o valor econômico de um ecossistema são vistos de forma diferenciada pela silvicultura e pela visão ecológica. Shiva (2003) define que para as

tribos e outras comunidades florestais, um ecossistema é complexo e produtivo em termos de ervas, tubérculos, fibra, patrimônio genético, entre outros, e para o explorador reducionista da silvicultura, esses elementos que compõem o ecossistema das florestas são inúteis, improdutivo e descartáveis. A autora também se refere que com a Revolução Verde, as sementes e as safras das comunidades locais foram consideradas “primitivas”, “inferiores”, “marginais” e de “má qualidade”.

Os modos de produção autóctones têm sofrido pressões em todo o mundo, pela disseminação do modelo agrícola industrial e conseqüentemente da modernização globalizante. Está havendo uma desarticulação dos sistemas agrícolas tradicionais, que visam a subsistência de seus produtores, levando-os a perda de espaço para a agroindústria e outras atividades que estão crescendo no campo. Essa visível perda não acontece de modo uniforme, pois ainda há lugares que oferecem resistência e ainda persistem.

Se as antigas roças estão sendo substituídas por monoculturas altamente mecanizadas, resta ainda o quintal, o jardim, o pomar, a horta, que retratam a conservação desse modo tradicional de vida (AMOROZO, 2006).

Para Amorozo (2006), cultivar e cuidar das plantas envolve muito de afetividade. Em comunidades agrícolas tradicionais, as crianças aprendem desde quando acompanham os adultos às roças e tomam parte nas atividades cotidianas, e quem aprende a plantar, não abandona o hábito tão facilmente, mesmo quando se muda para ambientes mais urbanizados.

O saber tradicional das populações que possuem um elo estreito com os elementos naturais do ambiente é desprezado, além de sofrerem, em muitos casos, críticas por fazerem uso de remédios caseiros, chás ou “garrafadas” e não optarem por produtos da indústria farmacêutica. Essa realidade reafirma a necessidade de compreender e registrar o conhecimento empírico detido pelas mesmas.

Guarim Neto (2008) afirma que lançar um olhar etnoecológico sobre o ambiente e as relações que dele emanam é antes de tudo, desvendar os valores escondidos em mensagens que nem sempre são percebidas, e que a sensibilidade é a base para esse entendimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

Recorreu-se à pesquisa qualitativa para o desenvolvimento desse trabalho, e como instrumento de coleta de dados, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas (GIL, 1999) para

investigar os saberes e o potencial de uso da vegetação nativa presente no assentamento. Ramires e Pessôa (2013, p. 23) afirmam que “a pesquisa qualitativa, com pouco mais de um século de existência, consolidou-se como uma metodologia alternativa para as ciências sociais e humanas”. Ignorando a suposta dicotomia qualitativo e quantitativo, utiliza-se também da análise estatística para compreender e apresentar os dados coletados. Segundo Demo (1998), todo fenômeno qualitativo existe em contexto material, espacial e temporal, e todo fenômeno quantitativo, se envolver o ser humano, também contém a dimensão qualitativa.

A área de estudo consiste no Assentamento Santa Rita, situado no município Jataí (GO), microrregião Sudoeste de Goiás, localizado entre as coordenadas geográficas 17° 52'51”S, e 51° 42'50”W, a uma altitude de 696 metros (IBGE, 2016). Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA, 2017), o Assentamento Santa Rita ocupa uma área total 961,2 hectares, com capacidade para 23 famílias, todas assentadas, e conta com uma Reserva Legal comunitária de 195 hectares (Figura 01).

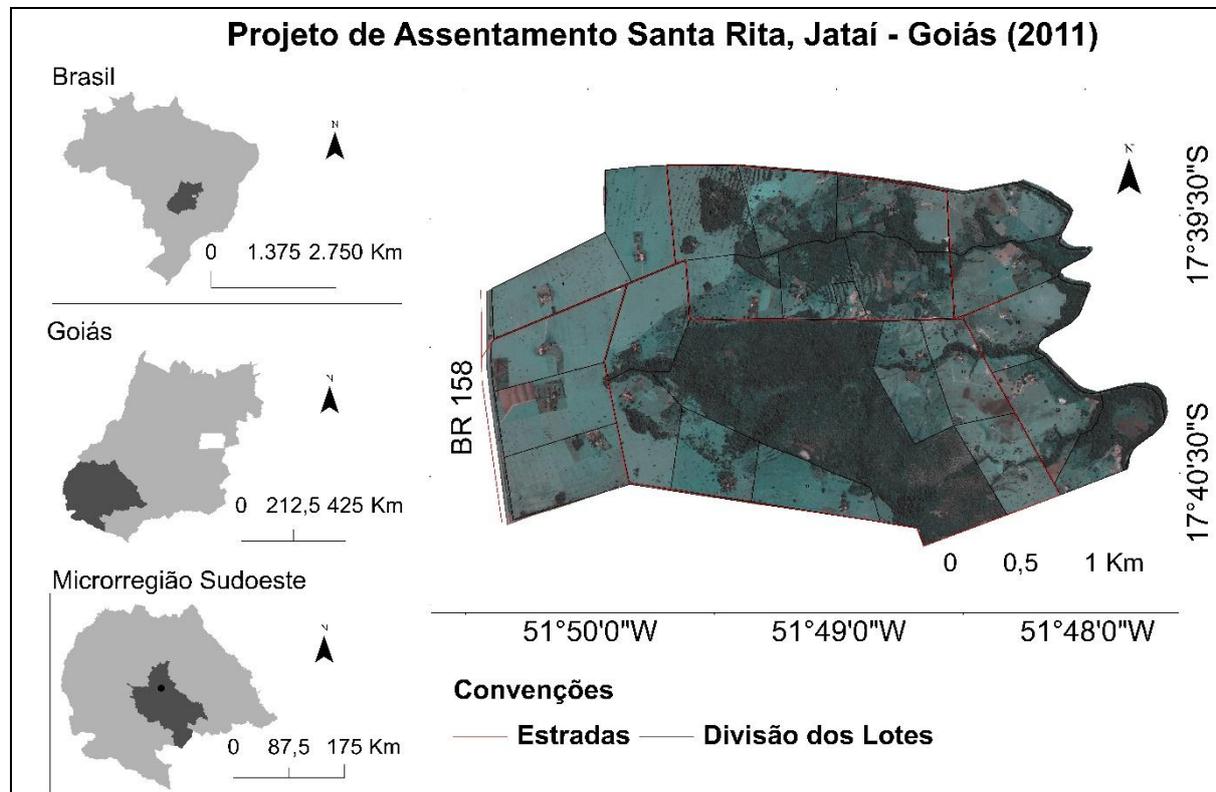


Figura 01 – Assentamento Santa Rita, município de Jataí (GO). Fonte: Adaptado da Imagem GeoEye (1B2G3R), janeiro de 2011, resolução 2m. Organização: QUEIROZ JÚNIOR, V. S. 2013.

A declividade predominante do relevo na área do assentamento é acentuada, mas há áreas de relevo suave ondulado, e segundo projeto RADAM Brasil (1983) dois tipos de solos predominam nessa área, sendo o Neossolos Quartzarênicos, abrangendo cerca de 70% do total e, aproximadamente 30% de Latossolos Vermelhos Escuros Distróficos. A composição dos solos e a declividade acentuada da área, são fatores que exigem que os agricultores que ali residem adotem um manejo conservacionista pois, se esse manejo não for adequado à essas condições naturais, os processos erosivos que já existem na área podem ser agravados.

Os assentamentos rurais possuem uma característica bem peculiar que é salutar quando se pensa em conservação da biodiversidade, a Reserva Legal (RL) comunitária, que é uma única área de preservação, representando, no mínimo, 20% da área total do assentamento. No Assentamento Santa Rita, além da RL e mesmo em estado crítico de conservação, há as matas ciliares dos córregos, Guerobinha, Barreirinho e Vertente, que ali nascem, e do Rio Paraíso, os quais são pertencentes à Bacia do Rio Claro, afluente da margem direita do Rio Paranaíba. A partir de imagens de satélites, foram identificadas as fitofisionomias de Cerrado, Cerradão e Mata. A categoria “mata” abrange três fitofisionomias: mata galeria, mata seca e mata ciliar; as quais, para serem classificadas separadamente, seriam necessários trabalhos de campo de o reconhecimento das mesmas (Figura 02).

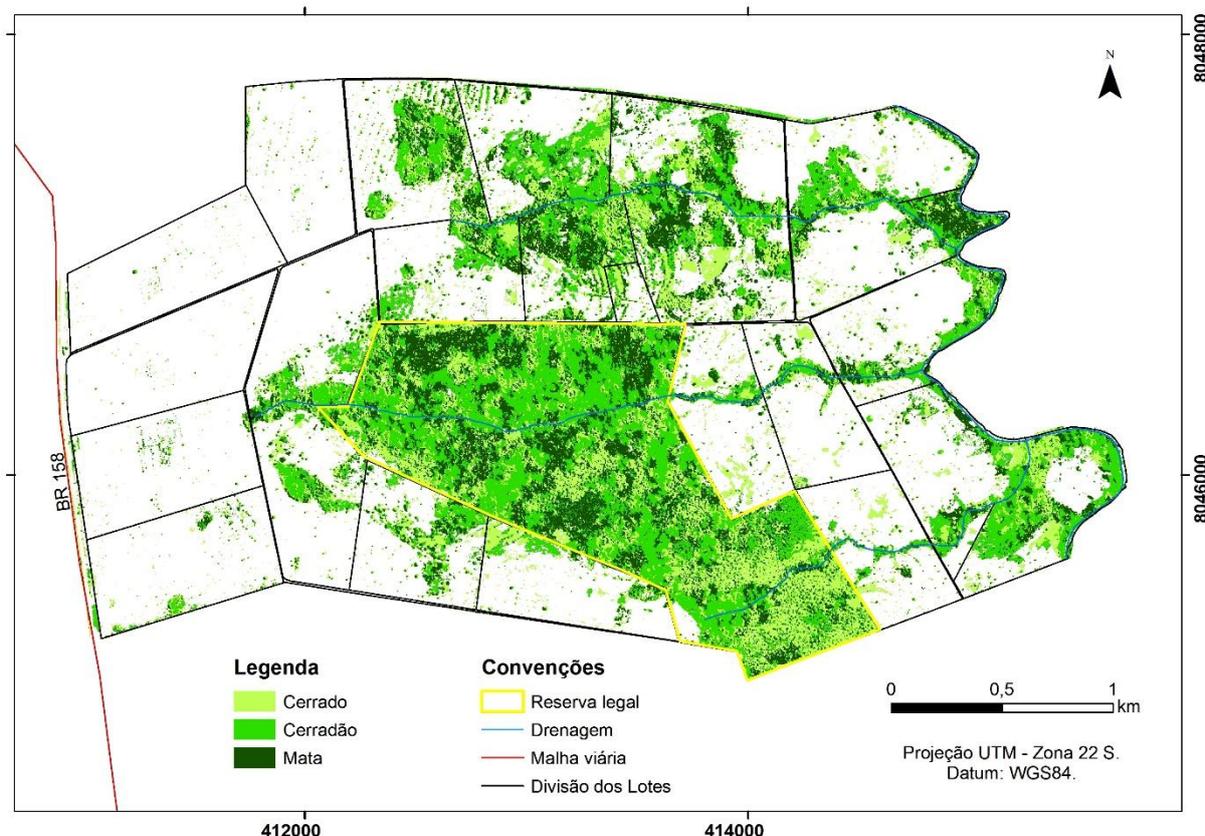


Figura 02– Áreas de remanescente de Cerrado no Assentamento Santa Rita, município de Jataí (GO).Fonte: Adaptado da Imagem GeoEye (1B2G3R), janeiro de 2011, resolução 2m.Autor: QUEIROZ JÚNIOR, V. S. 2013.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Devido à erosão da sociobiodiversidade associada a fatores socioeconômicos, que é o caso da opressão do capital, e a fatores ambientais, como as mudanças climáticas, a temática ambiental tornou-se, nas últimas décadas, uma preocupação mundial aliada à compreensão de que conservar os biomas é tarefa de todas as nações e dessa ação depende o futuro comum. E dentre as ações conservacionistas, está a necessidade de entender e registrar os saberes das populações tradicionais, essencialmente nos países reconhecidos como biologicamente megadiversos, como é o caso do Brasil.

A investigação da sabedoria popular no Assentamento Santa Rita demonstra que os assentados fazem usos diversos das plantas encontradas nas áreas de vegetação nativa remanescentes no assentamento. Foram citadas 83 plantas no total, um número bastante

expressivo, visto que os resultados de Silva et al (2010) demonstram um total de 87 plantas levantadas nos quatro assentamentos e um acampamento estudados. Considerando as plantas citadas por mais de 30% dos participantes, estão, a saber: aroeira (*Myracrodruonurundeuva*), barbatimão (*Stryphnodendronadstringens*), sangra-d'água (*Crotonurucurana*), angico (*Anadentherasp.*), jatobá (*Hymenaea sp.*) e maruleite (*Operculinamacrocarpa*)(Tabela 01).

Tabela 01 – Plantas utilizadas pelos moradores do Assentamento Santa Rita (Freq.= porcentagem de participantes que citaram a espécie).

NI	Nome popular	Família	Nome científico	Freq. (%)
1	Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruonurundeuva</i> Allemão	52,4
2	Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendronadstringens</i> (Mart.) Coville	47,6
3	Sangra-d'agua	Euphorbiaceae	<i>Crotonurucurana</i> Baill.	47,6
4	Angico	Fabaceae	<i>Anadentherasp.</i>	33,3
5	Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea sp.</i>	33,3
6	Maruleite	Convolvulaceae	<i>Operculinamacrocarpa</i> (L.) Urb.	33,3
7	Pequi	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasilienses</i> Cambess.	28,6
8	Quininha	Malpighiaceae	<i>Strychnosp.</i>	28,6
9	Assa-peixe	Asteraceae	<i>Vernoniapolyanthes</i> Less.	23,8
10	Ipê	Bignoniaceae	<i>Tabebuia sp.</i>	23,8
11	Pé-de-perdiz	Euphorbiaceae	<i>Crotonsp.</i>	23,8
12	Velame-branco	Apocynaceae	<i>Macrosiphoniavelame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	23,8
13	Quina	Malpighiaceae	<i>Strychnospseudoquina</i> A. St. Hill	23,8
14	Algodãozinho	Bixaceae	<i>Cochlospermumregium</i> (Schrank) Pilg.	19,0
15	Araticum	Annonaceae	<i>Annonacrassiflora</i> Mart.	19,0
16	Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiberofficinale</i> Roscoe	19,0
17	Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidiumguajava</i> L.	19,0
18	Sucupira	Fabaceae	<i>Pterodonsp.</i>	19,0
19	Capitão	Combretaceae	<i>Terminaliaargentea</i> Mart.	14,3
20	Didal	Lythraceae	<i>Lafoensiapacari</i> A. St.-Hill	14,3
21	Erva-santa-maria	Amaranthaceae	<i>Chenopodiumambrosioides</i> L.	14,3
22	Gabiroba	Myrtaceae	<i>Campomanesiasp.</i>	14,3
23	Guariroba	Arecaceae	<i>Syagruseracea</i> (Mart.) Becc.	14,3
24	Guatambú	Apocynaceae	<i>Aspidospermaparvifolium</i> A. DC.	14,3
25	Maminha-cadela	Moraceae	<i>Brosimumgaudichaudii</i> Trécul	14,3
26	Acafrão	Iridáceae	<i>Curcuma longa</i> L.	9,5
27	Acerola	Malpighiaceae	<i>Malphigia glabra</i> L.	9,5
28	Algodão	Malvaceae	<i>Gossypiumherbaceum</i> L.	9,5
29	Assa-peixe-branco	Asteraceae	<i>Vernoniapolyanthes</i> Less.	9,5
30	Boca-boia	Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	9,5

31	Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	9,5
32	Capim-cidreira	Panicoideae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	9,5
33	Cedro	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	9,5
34	Douradinha-do-campo	Malvaceae	<i>Waltheria</i> sp.	9,5
35	Gervão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	9,5
36	Manacá	Rutaceae	<i>Spiranthera odoratissima</i> A. St.-Hil.	9,5
37	Mangaba	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> (Nees & Mart.) Mull. Arg.	9,5
38	Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	9,5
39	Mentrasito	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> (L.) L.	9,5
40	Pau-terra-da-folha-larga	Volchysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	9,5
41	Romã	Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	9,5
42	Veludo-branco	Asteraceae	<i>Gochnatiapolyomorpha</i> (Less.) Cabrera	9,5
43	Óleo-de-copaíba	Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	9,5
44	Cajuzinho-do-campo	Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> Engl.	9,5
45	Urucum	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	9,5
46	Alfavaquinha	Lamiaceae	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	4,8
47	Angico-preto	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	4,8
48	Araticunzinho-do-cerrado	Annonaceae	<i>Duguetia fufuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	4,8
49	Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	4,8
50	Babaneirinha	Heliconiaceae	<i>Heliconia</i> sp.	4,8
51	Bálsamo	Fabaceae	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	4,8
52	Barbaço	Asteraceae	<i>Pterocaulon virgatum</i> (L.) DC.	4,8
53	Baru	Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	4,8
54	Cabeça-de-perdiz	N.I.	Não identificado	4,8
55	Caferana	Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp.	4,8
56	Caínga	Rubiaceae	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	4,8
57	Capim-margoso	Poaceae	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	4,8
58	Capim-trançado	N.I.	Não identificado	4,8
59	Carne-de-vaca	Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	4,8
60	Chapadinha	Fabaceae	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	4,8
61	Chapéu-de-couro	Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	4,8
62	Douradinha	Rubiaceae	<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K. Schum.	4,8
63	Embaúba	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	4,8
64	Gritadeira	Rubiaceae	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	4,8
65	Ipê-roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	4,8
66	Japocanga-de-espinho	Smilacaceae	<i>Smilax</i> sp.	4,8
67	Lobeira	Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	4,8
68	Mama-cadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	4,8
69	Maria-pobre	Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	4,8
70	Navalhinha	Cyperaceae	<i>Cyperus</i> sp.	4,8

71	Orelha-de-onça ou guiné	Asteraceae	<i>Mikania sessilifolia</i> DC.	4,8
72	Para-tudo	Amaranthaceae	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	4,8
73	Pau-do-cerrado	N.I.	Não identificado	4,8
74	Pau-terra	Volchysiaceae	<i>Qualea</i> sp.	4,8
75	Pé-de-pinto	N.I.	Não identificado	4,8
76	Picão	Asteraceae	<i>Bidens</i> sp.	4,8
77	Pitanga-do-cerrado	Myrtaceae	<i>Eugenia puniceifolia</i> (Kunth) DC.	4,8
78	Pororoca	Myrsinaceae	<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pavon) Mez.	4,8
79	Purrete	N.I.	Não identificado	4,8
80	Tamburil ou orelha-de-macaco	Fabaceae	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	4,8
81	Tiborna	Apocynaceae	<i>Himatanthus bovatus</i> (Mull. Arg.) Woodson	4,8
82	Urtiguinha	Euphorbiaceae	<i>Cnidioscolus pubescens</i> Pohl	4,8
83	Vinhático	Fabaceae	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	4,8
Total				100,0

Organização: LIMA, 2013.

Analisando as espécies citadas pelos assentados, as quais utilizam em seu cotidiano, pode-se concluir que os participantes utilizam as plantas para fins medicinais em sua maioria, representando 80%, seguido de 11% para uso alimentício e 9% para uso madeireiro. Segundo Schippmann et al (2002), em termos de espécies individualmente tratadas, o uso de plantas na medicina representa de longe o maior percentual usado no mundo natural. Quanto ao uso das plantas do Cerrado e sua frequência, 71% afirmaram que sempre utilizam as plantas para fins medicinais, 19% às vezes usam, apenas 10% não usam.

Questionou-se sobre o motivo que os levavam a utilizar as plantas do cerrado para fins medicinais, e 90% dos assentados afirmaram que fazem uso frequente devido ao entendimento que já se tem sobre a eficiência dos remédios e chás caseiros, e que a distância da cidade não influencia em suas escolhas, apenas 10% optaram por ir logo ao posto de saúde ou à farmácia. Segundo Silva et al (2010) o extenso uso de plantas medicinais também pode ser devido ao conhecimento e utilização de plantas representarem a única opção de tratamento de enfermidades, em razão do restrito acesso aos programas de saúde.

Esse alto percentual de pessoas que utilizam as plantas do Cerrado reforça a necessidade de conservação dos remanescentes de cerrado que existem na área do assentamento, e incentivos, através de cursos de capacitação, para a disseminação do conhecimento saber tradicional e a troca de experiências entre os assentados. Para Silva et al.

(2010) o uso de plantas no Brasil para fins medicinais é extenso, essas plantas são utilizadas até no combate e prevenção ao uso de drogas.

Em relação ao uso trófico, todos os entrevistados afirmaram que utilizam as frutas do Cerrado para complementar a alimentação. Os frutos mais citados foram: gabioba (19%), pequi (19%), e araticum (12%); outras menos citadas, mas não menos importantes foram o cajuzinho-do-campo, maminha-cadela, mangaba, murici, marmelada, guapeva, boca-boia, araçá, pêra-do-cerrado, veludo, pitanga e cagaita. Supõe-se que o baixo número de frutos nativos usados na alimentação se deve à baixa incidência de frutos na região, pois a maioria das áreas remanescentes são formações florestais, onde o número de espécies frutíferas e propícias ao consumo humano é reduzido (RIBEIRO; WALTER, 2008).

A coleta de sementes e a produção de mudas são realizadas por 55% dos participantes. É necessário destacar que as plantas que são utilizadas pelos assentados são escolhidas para algum fim específico, tais como medicinal, alimentício, ou ainda para decorar a casa.

Para fins artesanais, constatou-se que apenas 15% dos participantes utilizam o Cerrado como fonte de matéria prima, entretanto uma das mulheres do assentamento tem uma fonte de renda com a fabricação desses artesanatos, pois os mesmos são comercializados entre vizinhos e na Casa do Artesão na cidade de Jataí (Figura 03).



Figura 02– Artesanatos produzidos por assentada com matéria prima extraída do Cerrado, Assentamento Santa Rita, município de Jataí (GO).Fonte: LIMA, 2013.

Buscando compreender o estado de conservação do fragmento de vegetação nativa representado pela RL e APPs, questionou-se sobre a existência de animais silvestres na área do assentamento, pois estes podem permanecer em um determinado local quando encontram abrigo e alimento suficientes. Os assentados listaram um total de 40 animais, sendo que 57,5% são aves, 32,5% são mamíferos e 10% répteis. Segundo os entrevistados animais como o lobo-guará (*Chrysocyonbrachyurus*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophagatridentata*), os quais são espécies ameaçadas de extinção, ainda podem ser vistos na área do assentamento.

Conforme Benincá (2010) esse projeto de assentamento apresenta características da agricultura familiar camponesa; onde as propriedades são pequenas, com produção agropecuária destinada à subsistência do núcleo familiar, e as relações de trabalho são mantidas e perpetuadas dentro desse núcleo. A atividade pecuária é intensa e predominante nesse assentamento, entretanto, a diversidade de produção nos lotes permitiu que os assentados fossem divididos em dois diferentes perfis.

O primeiro grupo representando 20% dos participantes apresenta uma baixa diversidade de atividades e praticam monocultura (soja e eucalipto). Segundo um dos participantes incluídos nesse grupo, em seu lote não restou nenhuma área de vegetação nativa, pois a reserva que é exigida por lei está garantida através da área de RL comunitária do assentamento. Em época de colheita optam por contratarem mão-de-obra temporária para contribuir nas atividades laborativas desempenhadas pelo núcleo familiar.

O segundo grupo representando 80% dos participantes, devido ao tipo de manejo dado a terra e ainda a adoção de práticas agroecológicas, demonstram mais apego e ligação com a terra. Em seus lotes existem uma maior diversidade de atividades desenvolvidas, em relação ao grupo anterior, a saber: cultivo de hortaliças, milho, mandioca, banana, cana-de-açúcar para fazer silagem para o gado, criação de aves e suínos, além do cultivo de um pomar bem variado em seu quintal, além de apresentarem um grande discernimento e clareza em relação às plantas do Cerrado.

A mão-de-obra para essas atividades laborativas é do próprio núcleo familiar, na grande maioria. Esse segundo grupo se assemelha com a definição de população tradicional dada por Vivan (2006) “formas de organização social onde ainda prevalece uma organização social e econômica baseada nos laços de parentesco”, também “aquelas que têm um histórico

cultural de interações com determinado contexto regional e ecológico, e que desenvolveram no processo regulamentações de acesso e gerenciamento de recursos” e ainda “que esses sistemas de propriedades e controle se dão numa perspectiva de uma organização econômica onde o autoconsumo é a peça central da estratégia”. O autor ainda considera que essa definição adota a noção de que o saber ecológico e a organização sociocultural e econômica se expressam como um conjunto lógico.

Esses sujeitos, mesmo com uma ampla sabedoria e alto potencial de uso das plantas do Cerrado, diante da dimensão espacial e da disposição para produzir e garantir a sobrevivência do núcleo familiar, são forçados a suprimir essa vegetação nativa para aproveitar cada centímetro de solo agricultável. Em outros casos, se obrigam a deixar que o gado circule livremente dentro das áreas de preservação permanente para complementar a alimentação e para a dessedentação direta nos cursos d’água.

É necessário propor alternativas de produção que concilie conservação do Cerrado, uso sustentável dos recursos naturais e produção de alimentos, ou seja, repensar o modelo atual de produção, o qual é incompatível com esses assentados. Esses sujeitos necessitam de uma maior produção, e com maior qualidade, em um pequeno pedaço de terra no qual são designados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos recursos naturais como a intensa exploração do solo por monoculturas, são atividades econômicas fundamentais para a manutenção do sistema capitalista de produção, e isso remonta ao modelo difundido desde a colonização brasileira. Esse crescimento econômico almejado e conquistado pelo sistema capitalista apresenta, atualmente, graves consequências socioambientais, é sabido que tanto os povos tradicionais como o ambiente são afetados diretamente.

Diante de tal realidade faz-se necessário estabelecer estratégias de conservação dos remanescentes de Cerrado, sem que afete a sobrevivência e a permanência dos camponeses na terra. Salienta-se a urgência em resgatar a sabedoria dessas populações que habitam as áreas de Cerrado desde tempos remotos, pois elas representam um importante caminho para perpetuar os saberes e fazeres tradicionais, logo para a conservação da sociobiodiversidade.

Aparceria entre camponeses e a Agroecologia pode viabilizar um caminho para o desenvolvimento rural sustentável, pois a partir dos princípios agroecológicos, os quais visam uma interação homem-ambiente equilibrada, pode-se produzir alimentos com maior potencial nutritivo e livre de agrotóxicos, ou seja, mais saudáveis. Para tanto essa ciência aponta técnicas de produção que integram homem-natureza em todas as suas dimensões: sociais, ecológicas e econômicas. Como exemplo tem-se os Sistemas Agroflorestais Sintrópicos que têm alcançado resultados expressivos, na otimização da produtividade por unidade de área, no aumento da biodiversidade, na retenção de água, e na recuperação de áreas degradadas ou em estado de abandono. Uma referência mundial dessa técnica é o agricultor Ernest Gotsch, também pesquisador suíço, que veio para o Brasil na década de 80, e se instalou na Bahia em uma fazenda degradada, com esse modelo de produção recuperou mais de 400 hectares e produz para o sustento de sua família e comercialização.

Enfim, a partir dessas e de outras pesquisas identifica-se o quanto o conhecimento é produzido e disseminado fora da academia, e ainda reafirma a força dos camponeses, sendo eles capazes de alcançar o desenvolvimento rural sustentável.

Portanto, que o cenário exposto possa sensibilizar a comunidade acadêmica, a sociedade comum e os representantes governamentais, sobre a relevância de manter o que ainda resiste do Cerrado e de recuperar as áreas já degradadas, de forma que garanta a segurança alimentar da população e a sustentabilidade ambiental no campo para a promoção do desenvolvimento rural sustentável.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. G. A captura do Cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. (org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Editora Vieira, 2005, p.115-128.

ALTIERE, Miguel Ángel. Agroecologia: princípios e estratégias para a agricultura sustentável na América Latina do século XXI. In: MOURA, E.G. e AGUIAR, A. C. F. **O desenvolvimento rural como forma de aplicação dos direitos no campo: princípios e tecnologias**. São Luís: UEMA, 2006. p. 83-99.

AMOROZO, M. C. de M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. et al. **Atualidade em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2006. vol. 1, p. 123-131.

BENINCÁ, M. da C. **O uso de indicadores socioambientais para avaliação do Assentamento Santa Rita, em Jataí-GO.** Jataí, GO: UFG, 2010. Monografia de especialização, Universidade Federal de Goiás, 2009.

CARVALHO, I.S.H.de. Conservação da biodiversidade no Assentamento Agroextrativista Americana (Grão Mogol-MG). In: **Encontro da Rede de Estudos Rurais**, 4., 2010, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <<http://www.redesrurais.org.br/sites/default/files/Conserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20biodiversidade%20no%20Assentamento%20Agroextrativis.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

CBA. **Congresso Brasileiro de Agroecologia.** Disponível em: <<http://agroecologia2017/>>. Acesso em: 05 jul. 2017.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa: em busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, abr. 1998, v. 6, n. 2, p. 89-104.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARIM NETO, G. **Refletindo sobre ambiente e cultura – a etnobiologia, a etnoecologia, a etnobotânica:** o saber tradicional instalado e mantido. Tangará da Serra, MT, jun. 2008. Disponível em: <need.unemat.br/3_forum/artigos.html>. Acesso em: mar. 2012.

HANAZAKI, N. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In:

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006.** Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.bb.com.br/docs/pub/siteEsp/agro/dwn/CensoAgropecuario.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZACAO E REFORMA AGRARIA (INCRA). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/relacao-de-projetos-de-reforma-agraria/file/1115-relacao-de-projetos-de-reforma-agraria>>. Acesso em 27 mar. 2012.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, vol.1, n. 1, julho, 2005, p. 147-155. Disponível em: <http://www.conservacao.org/publicacoes/files/20_Klink_Machado.pdf>. Acesso em 20 maio. 2013.

LIMA, Jordana Rezende Souza. **Etnobotânica no Cerrado:** um estudo no Assentamento Santa Rita, Jataí (GO). Jataí (GO): UFG, 2013. 87 f. Dissertação de mestrado, Universidade Federal De Goiás/Regional Jataí (Programa de Pós-Graduação em Geografia), 2013.

RADAMBRASIL: **Levantamento de recursos naturais, geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da Terra.** Rio de Janeiro: MME. 1983, v. 31. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17157.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2013.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lucia Salazar. Pesquisas qualitativas: referencias para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Glaucio. José.; RAMIRES, Julio Cesar de Lima; RIBEIRO, Miguel Angelo; PESSÔA, Vera Lucia Salazar. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 23-35.

RIBEIRO, J.F. WALTER, B.M.T. As principais fitofisionomias do bioma cerrado. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P.; RIBEIRO, J.F. (eds.). **Cerrado: ecologia e flora**. Planaltina: Embrapa-CPAC, 2008, vol. 01, p. 153-212.

SCHIPPMANN, U.; LEAMAN, D.J.; CUNNINGHAM, A.B. **Impact of cultivation and gathering of medicinal plants on biodiversity: global trends and issues**. Rome: FAO, Inter-Department Working Group on Biology Diversity for Food and Agriculture, 2002. 155p. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/AA010E/AA010e00.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003, 240 p.

SILVA, J. S.; CARVALHO, J. N. F. de; TEIXEIRA, W. S.; FRANCO, I. O.; RIBEIRO, D. D. Importância do uso de plantas medicinais em comunidades rurais no sudoeste de Goiás. In: **Cadernos de Agroecologia**, vol. 5, n.1, 2010, p. 1-4.

VIVAN, J.L. Etnoecologia e manejo de recursos naturais: reflexões sobre a prática. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.de; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M. de; ALBUQUERQUE, U.P. de. **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. vol.3, p. 45-64.

Sobre as autoras e o autor

Jordana Rezende Souza Lima

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás/Campus Avançado de Jataí (2009). Possui mestrado em Geografia, ênfase em Análise Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Jataí (2013). Atua principalmente nos seguintes temas: meio ambiente, educação, educação ambiental, Cerrado, etnoecologia, agroecologia, impactos ambientais no campo e agricultura sintrópica. Atualmente cursa Doutorado em Geografia, ênfase em Análise Ambiental pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Jataí.

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4380687Z4>

Mainara da Costa Benincá

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás-Campus Jataí (2007), especialização em Meio Ambiente: Educação e Gestão Ambiental, pelo Campus Jataí da Universidade Federal de Goiás, Mestrado em organização e gestão do espaço rural e urbano do Cerrado brasileiro pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus de Jataí. Foi professora Temporária do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus de Jataí. Atualmente é Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí. Com atuação em Geografia Agrária, nos seguintes temas: agricultura familiar, assentamentos rurais, desenvolvimento rural sustentável.

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4240581U7>

Hildeu Ferreira da Assunção

Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras (1990), mestre em Agronomia (Agrometeorologia) pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"/USP (1994), doutor em Agronomia (Energia na Agricultura) pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2003) e Pós-Doutor em Agrometeorologia (Modelagem da Produção Vegetal) pela Washington State University/AgWeatherNet (2013). Professor Associado da Universidade Federal de Jataí e bolsista Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora - DT. Vinculado ao curso de Agronomia e ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia (Produção Vegetal). Experiências em: extensão rural com ênfase em agroecologia e agricultura familiar; agrometeorologia com ênfase em modelagem e simulação aplicada à produção vegetal e ao monitoramento ambiental. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Agroecologia e Agricultura Familiar da Universidade Federal de Goiás. Coordenador do Centro Vocacional Tecnológico de Agroecologia - CVT-CIAgro da Universidade Federal de Jataí. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Agronomia (Produção Vegetal).

Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4784405J6>

Artigo Recebido em Novembro de 2017.
Artigo aceito para publicação em Junho de 2018.